

## **PRODUÇÃO DE LEITE NA AGRICULTURA FAMILIAR: UM ESTUDO SOBRE A FORMAÇÃO DE PREÇO**

Milk production in family agriculture: a study about price formation

**Otávio Souza Lima<sup>1</sup>**

Bacharel Administração pela UniEVANGÉLICA - GO

**Márcio Dourado Rocha<sup>2</sup>**

Profº Me. Universidade Evangélica de Goiás – GO e Universidade Estadual de Goiás

### **RESUMO**

O presente artigo trata-se de um estudo sobre a cadeia produtiva de leite, tendo como principal objetivo o entendimento sobre a comercialização deste produto entre os pequenos e grandes produtores, entretanto tendo uma prioridade para o pequeno pecuarista leiteiro, uma vez que este trabalhador rural, no decorrer dos tempos, está enfrentando muitas dificuldades em detrimento do seu sistema produtivo por se caracterizar de baixo volume, além de que a qualidade do seu produto do tipo C não é valorizado no mercado de lácteos, pelo motivo de baixa escala de produtividade, além da ausência de enquadramento nos padrões de classificação que são cada vez mais rígidos. Faz um estudo sobre a evolução do mercado leiteiro brasileiro nas últimas décadas, desde a produção da matéria-prima até a comercialização do leite para o consumidor, por meio de implementação de tecnologias e novas técnicas agropecuárias inseridas nesta atividade e ainda aborda *in loco* da situação específica de produtores no município de Itaguaru-GO, confrontando entrevista entre participantes de três grupos distintos. Apresenta dados da coleta com comentários baseados no referencial teórico utilizado e faz considerações finais em que aponta possíveis soluções para o enfrentamento do problema abordado, com a missão de apresentar aos leitores como essa atividade está perdendo o valor nas pequenas propriedades rurais.

**Palavras-chave:** Agronegócio; Pequenos Produtores de Leite; Setor Agroindustrial.

### **ABSTRACT**

The present article is a study about the productive milk chain, it has like main objective the understanding about this product commercialization between the small and big producers, with a spotlight to the small milk producer, what year after year facing many difficulties to the detriment of its production system because it is characterized by low volume, besides the low quality of their product in the dairy market, for the reason that their low scale of productivity, as well as the lack of compliance with increasingly stringent. This is a study about the evolution of the Brazilian dairy market, from the raw material to the commercialization of the milk for the final consumer, through the technology implementation and new farming

---

<sup>1</sup> Otávio Souza Lima- Bacharel em Administração pelo Centro Universitário de Anápolis (UniEVANGÉLICA) – Brasil - Email: 1998otaviodesouza@gmail.com

<sup>2</sup> Márcio Dourado Rocha – Economista, Professor Me. do curso de Administração da UNIEVANGÉLICA e professor efetivo da Universidade Estadual de Goiás – Brasil - Email: marcioans@hotmail.com

techniques inside this activity, and still is done an in loco approach with the producers of the Itaguaru-GO town, confronting the interviews with members from three distinct groups. The survey data are showing based in the theoretical reference and make final considerations where is appointed possible solutions for the present problem, with the mission to show to the reader how this activity is losing their value in the little rural property.

**Key words:** Agribusiness; Small Milk Producers; Primary Industries.

## 1 INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas o agronegócio brasileiro tornou-se uma das principais fontes de riqueza do Brasil, tendo vários setores de atividades agropecuárias inseridas no seu escopo, tais como: plantação de soja, criação de gado de corte e produção de leite, entre outros. São estes produtos que mais se destacam no cenário nacional e internacional, evidenciando seu notório crescimento no mercado primário.

Quando se compara a porcentagem de crescimento do mercado de outros insumos agrícolas, nota-se que o leite obteve crescimento substancial nos últimos anos. Além de sua forma *in natura* atender uma segmentação de mercado ampla, sendo importante desde o começo da vida até no final, podemos, ainda, presumir uma abundância dos produtos derivados dele.

No setor de produção do leite, os criadores de gado leiteiro de pequeno porte atentaram-se para as características da sua mercadoria, deixada de lado em detrimento da quantidade que grandes produtores dispõem. Além disto, esta estrutura de mercado oligopsônio em que o agricultor de menor porte está inserido é complicado. O pecuarista de menor porte, por não ter uma estrutura de concorrência de igual para igual, seja pela quantidade inferior, também por ter o seu produto identificado como de menor qualidade, tem classificação dada pela vigilância sanitária como tipo C.

A maioria das pequenas propriedades rurais é conduzida pela mão de obra familiar e sua principal fonte de renda é a produção de leite, tendo o perfil do pequeno produtor na execução do seu trabalho uma forma mais rústica de trabalhar e conceitos empíricos no decorrer das atividades vivenciadas, evidenciando, por isso, falta de investimento no seu empreendimento rural.

Diante do cenário desenhado até aqui, o presente trabalho tem como objetivo analisar a comercialização entre os pequenos produtores e laticínios, pontuando formas de renegociações de ambas as partes, com o intuito de conseguir maior valorização e preço mais justo para essa classe trabalhadora rural.

De forma mais específica o trabalho avalia porque o pequeno pecuarista não investe no seu negócio por meio de recursos tecnológicos ou busca de conhecimento teórico, haja vista que, no contexto brasileiro, o agronegócio se converteu um das instâncias de negócios que mais investe em modernização nos setores da agricultura e pecuária.

Procurou-se levantar o motivo das pequenas propriedades rurais enfrentarem dificuldades perante a comercialização de leite, uma vez que os atravessadores comercializam o produto pagando valores muito abaixo do mercado na compra direta. Diante desse problema, objetivou-se analisar a forma de comercialização do produtor no mercado de laticínios, de forma a atribuir maior valor ao leite para o pequeno produtor.

Sendo assim, esse artigo investiga a comercialização do leite por meio de atravessadores e pesquisa o porquê do não reconhecimento do leite em pequenas estâncias, desempenhando uma investigação na produção de leite na agricultura familiar, em um estudo de caso.

O agricultor familiar enfrenta diversos problemas, em especial pelo fato de o mercado, muitas vezes, não valorizar o seu produto, remunerando-o, em alguns casos, a preços abaixo dos preços de custo de produção. Uma das razões da desvalorização do produto leiteiro proveniente do pequeno agricultor a ser investigada é a de seu porte o colocar em desvantagem perante os agentes comercializadores (laticínios), se submetendo à imposição de preços destes.

Diante do exposto, este artigo tem como objeto de estudo a produção de leite dos pequenos produtores, investigando, a partir de um embasamento teórico aplicado à um estudo de caso específico, de que maneira os laticínios formulam esse preço e fazendo sugestões, à luz da ciências sociais, ao caminhos para desenvolvimento do seu leite, em prol na melhoria na qualidade de vida desses agricultores rurais.

## **2 REFERENCIAL TEÓRICO**

### **2.1 Breve Histórico sobre o Agronegócio Brasileiro**

Em meados da década de 60, o agronegócio brasileiro configurou-se em um mercado mais ativo, com finalidade de uma maior presença em atividades industriais, o que alterou a ser fator determinante no desenvolvimento rural. Nessa transição o governo estabeleceu

políticas de investimento para modernização tecnológica nas atividades do setor secundário (BORGES; GUEDES & ASSIS, 2011).

Em 1990, em função desta política de investimento, a atividade do agronegócio foi reconhecida no Brasil, tendo seu termo definido em inglês, *agribusiness*, cujo sentido fundamental é da ação e transição comercial. Todavia, esse processo deveria passar não só pelo setor secundário, mas pelas várias etapas dos setores primários, secundários e terciários, exigindo a operacionalização da lavoura e criação de gado (SAUER 2008).

O agronegócio veio como principal objetivo de preencher uma lacuna na agricultura e na pecuária, promovendo modernidade nos seus processos e agregando valor no seu produto primário. Com o apoio da Associação Brasileira de *Agribusiness* (ABAG), lembrou Sauer (2008), passaram a compor esta organização os seguintes membros: indústrias do setor agroindustrial e cooperativas agropecuárias, entre outras organizações empresariais, com a missão de expandir a escala de rendimento nas atividades primárias, o que gerou um progressivo avanço no setor.

Esse desenvolvimento substancial do setor agrícola brasileiro promoveu o surgimento de novos modelos de agricultura empresarial, com a mudança de processos antes feitos de forma mais rústica, passando a ser substituídos por máquinas e equipamentos que agilizaram e otimizaram os processos exigidos nestas atividades afins (BORGES; GUEDES & ASSIS, 2011). Sauer (2008) alega que os primeiros investimentos de grande escala no agronegócio foram nas seguintes áreas: maquinário, desenvolvimento na formulação de adubos, defensivos agrícolas e elaboração de novas sementes, tendo sido esse movimento denominado de a Revolução Verde.

Na atualidade o agronegócio possui relevância em todos os estados do Brasil, embora haja terras que são beneficiadas e outras não, pela razão de que, o Brasil, um país de território extenso, solos bastante variados e aspectos climáticos distintos. Na verdade, o Brasil está entre os grandes produtores de *commodities* no mundo, podendo destacar a pecuária bovina, suína e avicultura, bem como a agricultura de milho, soja, algodão e café, entre outros. Destaque-se que a maioria dos produtos primários é comercializada no mercado exterior, demonstrando que o ramo da agropecuária é de grande importância na economia brasileira (CAMPOS; PIACENTI, 2007).

Registre-se que a modernização dos processos da agricultura e pecuária, nas últimas décadas, trouxe aspectos favoráveis para que o mercado primário desenvolvesse no Brasil, como aumento na escala de produtividade destes produtos, além da padronização nos processos produtivos redução da mão de obra. Entretanto, emerge daí questões negativas da

atividade como: concentração fundiária, generalização de defensivos e degradação dos recursos naturais (BORGES; GUEDES & ASSIS, 2011).

### 2.1.1 Desenvolvimento da Produção de Leite

O primeiro marco da evolução na produção de leite no Brasil ocorreu no decurso da década de 90, quando Getúlio Vargas estabeleceu diretrizes de inspeção em indústrias no ramo, laticínios que utilizam produtos originados de animais, por força de decreto, obrigando todos os estabelecimentos que lidam com produtos lácteos e leite *in natura* passassem a terem a vigilância do Serviço de Inspeção Federal, denominado pela sigla (SIF). O estado aplicou, ainda, neste decreto critérios de avaliação nos setores de produção, industrialização e comercialização, tendo as seguintes questões a serem analisadas: finalidade, espécie produtora, teor de gordura e tratamento (MAIA *et al.*, 2010).

Maia *et al.* (2010) afirmaM que na década de 90 a edição de um decreto abalou o mercado leiteiro, a partir de uma nova concepção de critérios para avaliação do produto, classificados em categorias A, B e C, onde o tipo A era o único a corresponder a alta exigência da vigilância sanitária. O autor define, ainda, que o leite tipo B é um produto de qualidade inferior, quando comparado com leite tipo A, pois nos seus procedimentos de produção tem uma maior proliferação de bactérias. Já o leite tipo C, devido às suas características manuais em todo o processo da sua matéria-prima, tem valor mais baixo na cadeia leiteira.

As reformulações estruturais, pelas quais passou o sistema agroindustrial do leite no Brasil em meados de 1990 colocaram em destaque os seguintes acontecimentos daquela época: abertura na comercialização no exterior, a constituição da MERCOSUL e a estabilização na economia nacional. A implantação do Plano Real em 1994 proporcionou, para a população brasileira, maior poder financeiro, conseqüentemente aumento no consumismo, principalmente por produtos básicos, tendo um destaque nas mercadorias derivadas do leite (SILVA; TSUKAMOTO, 2001).

O progressivo avanço promovido pelas reformulações levou o ano de 1995 a ser marcado como a melhor fase da pecuária leiteira, motivado pelo crescimento econômico do país, também pelas inúmeras ofertas de consumidores por mercadorias lácteas. Em contrapartida, os anos de 1996 a 1999 foram uma das piores fases da história na pecuária leiteira no Brasil, pelo fato de que o mercado brasileiro apresentou falhas na sua produção de leite, pois o consumidor estava detectando falta de qualidade nos produtos lácteos, além disso,

o seu rendimento não estava respondendo os requisitos do comércio nacional e internacional (SILVA; TSUKAMOTO, 2001).

Borges, Guedes e Assis (2011) alegam que, dentre todas as atividades do agronegócio, a pecuária leiteira foi a que mais sofreu pressões advindas da modernização no seu negócio, impulsionada pela falta de qualidade do seu produto, o que a impossibilitava atender o paladar do seu consumidor. Diante disso, o criador do gado leiteiro se viu pressionado a tomar providências de investimento no seu empreendimento rural por meio de tecnologias e técnicas agropecuárias.

As indústrias de produtos lácteos buscaram investir na sua estrutura, promovendo a ampliação de variedades e, também, aumento na produtividade com o objetivo de se reposicionar no mercado, além do que nesta mesma época, surgiram as cooperativas, as quais eram compostas por pequenos produtores de leite (BORGES; GUEDES & ASSIS, 2011).

Com a modernização da pecuária leiteira vários benefícios foram disponibilizados para o setor, promovendo como a principal vantagem o fato de que o produtor rural não necessita de se locomover para levar seu leite ao laticínio. Isto porque o resfriamento do produto pode ser feito no seu próprio estabelecimento, por meio de tanques de resfriamento (SILVA; TSUKAMOTO, 2001).

A quantidade produzida pelas bacias leiteiras no Brasil manteve em constante crescimento no decorrer da sua história, contando, principalmente, com a inserção de tecnologias que impulsionou um notório aumento: no começo do ano 1990 que foi de 14,5 bilhões litros de leite, para o ano de 2000 de 19 bilhões litros de leite. De acordo com o IBGE, em 2018 foram 24,43 bilhões de litros. O aumento na produtividade leiteira em várias regiões brasileiras se destacou em diversos estados: Goiás, São Paulo, Minas Gerais e Rio Grande do Sul (GOMES, 2001).

Além disso, vale a pena realçar que a produção de leite nas grandes propriedades rurais tem como predominância a criação de gado leiteiro de raça mais apurada tais como: holandês, Jersey, pardo suíço, girl e guzerá, sendo que a produtividade destes tipos de animais depende de vários aspectos tais como: clima, alimentação, conjuntos de tecnologias de manuseamento. Existem quatro sistemas de produção de leite, são eles: sistema extensivo, semiextensivo, intensivo a pastagem e intensivo de confinamento (ASSIS *et al.*, 2005).

O sistema extensivo é composto por vacas de baixa produção leiteira em torno de 1200 litros de leite ao ano, sendo este animal tratado a pasto. Já o semiextensivo são bovinos de melhor produtividade comparados ao extensivo, mas, no entanto, o volume do leite é razoável, aproximadamente 1300 até 2000 litros de leite ao ano. A alimentação desse animal

constitui-se de capim, sendo que em períodos de estiagem são tratados a ração (ASSIS *et al.*, 2005). O sistema intensivo são animais de boa produtividade em torno de 2000 a 4500 litros de leite ao ano e a alimentação deste bovino é composta a pasto e ração em todos os períodos das águas e das secas. Sendo que o sistema extensivo são vacas de alta produção acima de 4500 litros é encontrada em estábulos sua alimentação é constituído de silo e ração (ASSIS *et al.*, 2005).

Lima e Pereira (1995) afirmam que o custo do leite varia entre grandes e pequenos produtores e que as vantagens de escala dos grandes produtores os dotam de condições privilegiadas para a diluição dos custos e uma produção mais competitiva, enquanto os pequenos produtores, por produzirem uma quantidade baixa, tem o custo mínimo. No entanto, sua mercadoria é desvalorizada no mercado agroindustrial, pelo fato do seu produto não prover de qualidade que atenda os laticínios e baixo volume de produtividade.

As indústrias do setor de lácteos no Brasil são compostas por: indústrias multinacionais, indústrias nacionais e cooperativas de produtores de leite. A maioria destas instituições empresariais estabelece o preço por escala de produtividade e também pela qualidade do produto. Contudo, não se pode esquecer que alguns fatores alteram a demanda do leite e também dos seus derivados, tais como: aumento das pessoas, aumento do poder aquisitivo, oscilação da economia, produtos de concorrentes ou substitutos e mudanças de hábitos alimentares (VIELA; LEITE & RESENDE, 2015).

O comportamento sazonal altera a produtividade do leite, também do preço, por exemplo, em períodos das águas a quantidade produzida é maior, porém, o preço é menor. Entretanto, em períodos de estiagem tem uma drástica redução na produção, havendo substancial aumento de preço (GOMES, 2001). Observadas todas estas questões, há ainda que considerar que toda a cadeia leiteira deve estar envolvida para fornecer o mínimo de falhas, devido ao manuseio do leite, ou de produtos lácteos, que devem ocorrer de forma cautelosa, por se tratar de um produto perecível que passa por vários processos de transformação, tendo como princípio a segurança alimentar (LIMA; PEREIRA, 1995).

#### 2.1.1.1 *Perfil do Pequeno Produtor de Leite*

A produção de leite está distribuída em produtores de todos os portes, configurando-se, muitas vezes, como fonte de renda ininterrupta para muitos agricultores familiares (ZOCCAL; SOUZA & GOMES, 2005).

A agricultura familiar reúne aspectos importantes: a família, o trabalho, a produção e as tradições culturais; portanto, pode ser considerada como aquela que, ao mesmo tempo em que é proprietário, assume os trabalhos no estabelecimento (ZOCCAL; SOUZA & GOMES 2005, p. 07).

A existência dos agricultores familiares está diretamente relacionada à preservação do patrimônio histórico e cultural do interior do Brasil. As estatísticas mais recentes mostram que o país conta com 4,8 milhões de estabelecimentos rurais, dos quais 85% podem ser considerados de produção familiar e geram cerca de 14 milhões de empregos no meio rural (ZOCCAL; SOUZA & GOMES 2005, p. 06).

Diante do exposto, percebe-se que esse tipo de agricultura tem um campo de variadas atividades, tendo o destaque na pecuária leiteira, sendo que esse setor está presente em 36% das propriedades rurais voltadas para a economia familiar, apresentando números expressivos na sua produtividade, que respondem por 52% do valor bruto da produção de leite (ZOCCAL; SOUZA & GOMES, 2005).

A grande parte das pequenas propriedades é formada por famílias que possuem poucos animais e extensões de terra sem muita expressividade, mas que tem no leite sua principal fonte de renda (CARLOTTO, FILIPPI & MARCELLO, 2011, p. 04).

Neste espaço, as atividades são robustas devido ao fato de que estas tarefas exigem do trabalhador compromisso diário em desempenhar suas obrigações, envolvendo toda a família no trabalho para que garantam sua renda no final do mês (CARLOTTO; FILIPPI & MARCELLO, 2011).

A administração das propriedades rurais é de responsabilidade do produtor, ou dele e de outro membro da família. Em estabelecimentos rurais de economia familiar, a figura do administrador se confunde com a do proprietário (ZOCCAL; SOUZA & GOMES, 2005, p. 12).

O certo é que as propriedades rurais de economia familiar, geralmente, não possuem sistema de controle de custos. Isto porque em um negócio familiar, os gastos não são bem administrados pela família. Este fator imprime ao negócio uma certa dificuldade de contabilizar o custo da atividade da pecuária leiteira no seu empreendimento, pelos seguintes motivos: mescla produção de leite com a de carne, custo da mão de obra não é calculado, não é contabilizado o custo da produção e tem pouca noção de investimento (CARLOTTO; FILIPPI & MARCELLO, 2011).

Contudo, conta-se como fator positivo, conforme Silva e Tsukamoto (2001), a questão de que a agricultura familiar proporciona ocupação para todos os membros da unidade familiar, proporcionando, também, uma divisão interna do trabalho e garantindo harmonia dos lares no cumprimento das tarefas.

Percebe-se que microempreendedores e empreendedores leiteiros, e suas esposas, filhos e funcionários, possuem um nível de escolaridade muito baixa, principalmente nas pequenas propriedades rurais no Brasil. Geralmente, estas famílias depositam esperança de



melhores qualificações profissionais para seus filhos, para que adquiram conhecimento mais aprofundado nesta área da pecuária e da agricultura. Contudo, o raso nível educacional presente no meio rural, impossibilita o sistema de implantação tecnológica nas atividades agropecuárias (ZOCCAL; SOUZA; GOMES, 2005).

Além disso, o rebanho leiteiro do pequeno produtor tem imensa variedade de raças puras, meio sangue e mestiças, não havendo uma clara definição do seu gado de leite, devido ao fato de que o produtor tem dificuldades em definir a genética dos seus bovinos (ZOCCAL; SOUZA & GOMES, 2005). Não obstante, outra característica do pequeno produtor que desenha o seu perfil reside na forma de alimentação do gado leiteiro. Esta é composta, basicamente, de pasto e ração em tempos de estiagem. Entretanto, em algumas exceções tratam do gado o ano inteiro (ASSIS *et al.*, 2005).

Relevante é o fato de que o agricultor familiar, no quesito da sanidade do seu gado, é bem atento às vacinações do seu rebanho, tendo as seguintes vacinas no decorrer do ano: aftosa, brucelose, manqueira ou mal do ano, entre outras. Já na questão de medicamentos, os mais utilizados são: combate de carrapatos e vermes, vermífugo e tratamento de mamite (ZOCCAL; SOUZA & GOMES, 2005).

A maioria dos pequenos produtores ordenha o seu gado leiteiro de maneira manual. Poucos agricultores familiares utilizam a ordenha mecânica em seus bovinos, apesar de ter algumas exceções de proprietários de pequenas estâncias rurais que ordenham seus animais duas vezes por dia (ZOCCAL; SOUZA & GOMES, 2005).

Como grande parte do trabalhador no campo desempenha suas atividades de maneira robusta na propriedade, principalmente na atividade da produção de leite que é de maneira manual, este método tem grande proliferação de bactérias no seu produto, sendo classificado pela vigilância sanitária, como leite tipo “C” (MAIA *et al.*, 2010).

Na maioria das vezes o produto é armazenado em tanques de resfriamento localizado na própria propriedade rural, embora tenha algumas exceções de pecuarista leiteiro que armazenam o leite em recipientes de plásticos e utiliza seu veículo para transportar o produto até o laticínio (ZOCCAL; SOUZA & GOMES, 2005).

Dentro de uma estância rural, maior partes dos afazeres são efetuados pelos familiares. Em algumas vezes, o agricultor pode recorrer à terceirização destes serviços quando chega a época da silagem, pois este serviço exige maquinário, sendo que, às vezes, é preciso até mesmo recorrer à mão de obra temporária na realização de serviços mais pesados (SILVA; TSUKAMOTO, 2001).

O nível tecnológico dos pequenos produtores em suas propriedades é distinto, devido ao fato de que, em alguns imóveis rurais, se encontram com recursos tecnológicos nas tarefas de criação de gado e da lavoura como: trator, tanques de resfriamento e ordenhadeira mecânica entre outras ferramentas. Entretanto, a maioria dos agricultores abdica em se modernizar por questões como: financeira, nível de escolaridade baixo e paradigmas culturais (SILVA; TSUKAMOTO, 2001).

Nesta questão de investimento tecnológico, o governo federal elaborou vários projetos de financiamento para o agricultor familiar, no início das décadas de 80 e 90, tais como: PRONAF, FINAME e PANELA CHEIA. Contudo, essas linhas de crédito estabeleceram altas taxas de juros para o produtor até atualmente (SILVA; TSUKAMOTO, 2001), dificultando o seu acesso a elas:

Assim, o investimento em tecnologia foi importante, no que diz respeito à qualidade do produto e rendimento das máquinas, pois, com a globalização presente e atuante em todo o mundo, o produtor que não conseguir conciliar produtividade e qualidade com baixo custo, está se afastando da cadeia produtiva (SILVA; TSUKAMOTO, 2001, p. 09).

O pequeno produtor de leite não tem muita opção de venda para o seu produto, sendo sujeito à comercialização de sua mercadoria em cooperativas e indústrias de laticínios. Sem contar que em algumas ocasiões, o pecuarista leiteiro vende o seu produto diretamente para o consumidor final, por motivo de ter um preço melhor sobre o produto (ZOCCAL; SOUZA & GOMES, 2005).

As fábricas de lácteos e cooperativas constituem sua gratificação de acordo com a categoria do leite e volume fornecido pelo produtor de leite. Tendo aquele produto entregue em condição de pouco volume e de baixa qualidade e no laticínio, obtém-se um preço razoável diante do mercado de lácteos (SILVA; TSUKAMOTO, 2001).

Se por um lado não existe iniciativa da indústria em passar informações para seus fornecedores, por outro, o produtor também não procura, quando faz é só sobre preço do leite no próximo mês. A organização e mobilização dos produtores de leite são essenciais para sua inserção no mercado e para a modernização do setor (ZOCCAL, SOUZA & GOMES 2005, p. 15).

O principal trabalho na agricultura familiar é a produção de leite. Porém, além desta atividade os produtores desenvolvem outros tipos de produtos, com fins lucrativos como: criação de suínos, de aves, produção de ovos e plantação de milho, entre outras. Já de fins não lucrativo se baseia no desenvolvimento do produto sem alguma pretensão financeira, por motivo de consumo próprio da família, tendo os seguintes produtos: cultivo de tomates, cenoura, alface e criação de peixes (ZOCCAL; SOUZA & GOMES, 2005).

A maioria dos pequenos produtores de leite não cria uma grande expectativa sobre seu futuro. Não raro, vários são os fatores que impedem seu crescimento dentro da cadeia produtiva leiteira, dentre os quais se destacam: preço alto de insumo, a falta de incentivo por parte do governo e poucos recursos tecnológicos (ZOCCAL; SOUZA & GOMES, 2005).

### **3 METODOLOGIA**

A pesquisa qualitativa consiste em uma investigação científica por meio de vários métodos multidisciplinares, com o propósito de compreender as atividades do ser humano na sociedade, o modo de comportar, pensar e fazer. A missão do pesquisador qualitativo é a de interpretar, de maneira naturalística, no contexto social onde a pessoa está inserida na sua comunidade e suas atividades do dia a dia, visando coletar o máximo possível de informações por seu objeto de estudo, com as seguintes ferramentas de pesquisa empíricas: observações, entrevistas, relatos pessoais e história de vida (TAKAHASHI *et al.*, 2013).

O estudo de caso tem a razão de ser prático em investigar o próprio ser humano pelas suas peculiaridades pessoais ou grupais. É um método menos rígido, comparado aos outros objetos de pesquisa. Consiste em uma investigação empírica por meio de questionário e entrevistas, sendo que o pesquisador tem a atribuição de extrair por completo o seu objeto de estudo, com o objetivo de descrever todas as características do indivíduo pesquisado, de maneira aprofundada (GIL, 2009).

O presente trabalho utilizou-se de pesquisas bibliográficas e estudo de caso, com a missão de investigar a comercialização de produtos lácteos, a relação com o mercado leiteiro para essas pequenas propriedades e analisar sua forma de produção. Para tanto, aprofundou-se na literatura especializada sobre o assunto e aplicou questionários com objetivos de analisar o perfil do: modesto produtor, o dono de laticínio e o grande produtor. O intuito maior foi o de verificar, *in loco*, as respostas necessárias ao questionamento central do trabalho.

### **4 RESULTADO E DISCUSSÃO**

A partir do método exposto, foi realizada a entrevista com os diferentes tipos de produtores de leite, bem como com o proprietário do laticínio local. A partir das percepções obtidas com as respostas, buscou-se expor e comentar tais percepções à luz da literatura técnica sobre o assunto.

O primeiro entrevistado foi um pequeno produtor, da região de Itaguaru, proprietário de uma gleba de terras de aproximadamente 16 alqueires, dos quais 4 alqueires são dedicados à criação de gado leiteiro e os outros 10 alqueires ao gado de corte, sendo os outros 2 alqueires destinados ao plantio de banana. Tal entrevistado é do sexo masculino, com 43 anos de idade, tem o ensino médio completo e não tem formação complementar na área agrícola e/ou de administrativa.

Ao ser questionado sobre a principal dificuldade vivenciada na produção de leite, a resposta obtida foi a de que os preços não são atrativos para tal atividade e que isso torna a negociação difícil. Isto corrobora a tese de que os pequenos produtores possuem menor poder de negociação perante os laticínios. Além disso, seu gado leiteiro, constituído por mistura das raças cruzado e nelore, portanto, um rebanho mestiço, tem uma produtividade em torno de 80 a 100 litros leite por dia.

No quesito em atuar na produção de leite para os próximos anos, o pequeno produtor foi enfático ao afirmar que não pretende trabalhar nesta área por muito tempo, tendo justificado que o gado de corte dá mais resultado do que o leiteiro.

O segundo entrevistado foi um grande produtor, da região de Itaguaru, proprietário de uma granja leiteira extensão tamanho territorial desta propriedade em torno de 10 a 20 alqueires de terra. A referida estância de leite produz em torno 380 a 400 litros de leite por dia. Tal pessoa é do sexo masculino, com 49 anos de idade. cursou só o ensino médio e não tem nenhuma capacitação técnica na pecuária leiteira ou na gestão produção.

No decorrer do seu depoimento, o grande produtor descreveu como é balanceada a alimentação do seu rebanho leiteiro, a qual é composta por milho, farelo de soja, núcleo, sal mineral e silo. Os procedimentos de higienização desta produção são realizados por etapas: primeiramente o banho no úbere das vacas e logo depois é colocado copos teteiras no peito dos animais, para que seja extraído líquido lácteo que é direcionado ao transferidor por meio de uma mangueira que faz ligação direta com o resfriador de leite. A maior dificuldade enfrentada nesta produção é mastite que é um problema cronológico que pode ser minimizado no decorrer do tempo, mas não exterminado. O rebanho deste pecuarista tem a predominância unicamente da raça holandesa. Para conseguir bovinos altamente apurados, geneticamente, teve que trabalhar em torno de 10 anos com o intuito de alcançar este resultado.

Ao comercializar seu leite, o grande produtor relatou que quase todo mês reclama sobre o preço estabelecido pelo laticínio, pois a expectativa deste produtor, relacionado ao mercado atual, é relativamente razoável, pois sua mão de obra é composta por integrantes da sua família e, por isso, as despesas são menores. Questionado sobre suas perspectivas para os

próximos anos, o pecuarista leiteiro foi contundente ao revelar que, com o passar dos tempos, sempre tem a euforia de que ano o precedente o preço vai aumentar. No entanto, ele afirmou que a questão só fica no falatório e, na realidade, se mantém na situação de anos anteriores. Enfatizou, ainda, que os proprietários rurais têm que ampliar suas fontes de renda para não ficar na dependência do leite. Na propriedade rural deste grande pecuarista leiteiro, a principal atividade é a produção de leite, mas tem outros meios de renda, tais como: a criação de suíno, plantio da banana e do maracujá.

O terceiro entrevistado é o proprietário do laticínio Queijos Imperial, da região de Itaguara, o qual tem como principal atividade deste empreendimento a fabricação de mozzarella. Tal entrevistado é do sexo masculino, com 25 anos de idade, ensino médio completo, e não possui nenhuma capacitação de gestão empresarial ou de administração agroindustrial.

A instituição empresarial adota os seguintes parâmetros de preços para o grande e pequeno produtor: a qualidade e quantidade do produto e a distância que vai ser percorrida para aquisição desta matéria-prima como um fator determinante que altera a gratificação desse fornecedor. No seu depoimento, o empreendedor enalteceu sua forma de pagamento que é baseada nos dois quesitos, no volume da produção e classe desta mercadoria como A, B e C, e que, ainda, citou que, mesmo aquele pecuarista que produz pouco leite, mas tendo a qualidade, os preços são iguais ao que produz muito, mantendo os princípios de higienização.

O proprietário do laticínio constatou que valoriza mais aquele produtor que demonstra uma boa conduta de higienização no seu tanque de resfriamento ou no seu recipiente. Ao ser questionado, o empresário referente disse que a maioria dos seus fornecedores são os pequenos pecuaristas leiteiros, e ainda descreveu que este grupo questiona bastante em relação ao preço do seu produto, enfatizando que na época da seca a rotatividade aumenta, principalmente entre os pequenos produtores devido ao fato de que o volume da sua produção é baixa e precisa encontrar outros meios de comercialização, tais como vender o seu leite diretamente para o consumidor, sendo que alguns até vendem toda a sua mercadoria desta forma. Já outros fornecem para a fábrica e para o cliente final, existindo, também, troca por outra indústria de lácteos.

O empreendedor tem o ponto de vista de que o principal problema no ramo leiteiro é o alto custo na manutenção do rebanho entre os produtores. Em relação ao mercado para os próximos anos, o entrevistado foi bastante rigoroso dizendo que não visualiza nenhuma possibilidade de crescimento nessa área, ou que pode até mesmo piorar, pelo fato de que o

mercado, atualmente, está muito criterioso na questão da qualidade do produto e que os pequenos produtores vão ter dificuldades de comercializar seu leite.

Ao ser questionado se tem intenção de expansão do seu negócio, a resposta do entrevistado foi muito animadora ao afirmar que tem esse objetivo a ser alcançado, revelando, também, que o maior problema do pequeno produtor é a falta de investimento na sua produção. Ele ainda mencionando que o preço estabelecido na mercadoria deste grupo não é muito atraente e que sua própria pessoa motiva seus fornecedores por meio de incentivos financeiros. Já os grandes produtores têm uma visão de que as dificuldades desta classe é a gratificação que em determinados meses oscila, devido ao fato de que o valor investido não dá o retorno esperado.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O presente artigo demonstrou que o agronegócio no Brasil é muito forte e que, dentre todos os produtos da agropecuária, o leite sofreu várias oscilações de preço no decorrer dos tempos, tendo períodos em alta e em baixa. Ficou claro que este produto foi fortemente influenciado pela política nacional e a economia do exterior. Isto implica afirmar que, para o mercado atual, esta matéria-prima é mais lucrativa para o setor secundário do que propriamente para o grande e pequeno produtor. Isto porque essa mercadoria na mão do pecuarista leiteiro não é valorizada, além de ter pouca agregação de valor, prejudicando a classe de fornecedores. Entre estes, o principal afetado é o pecuarista leiteiro de menor porte, pelo fato de sua mercadoria abster de volume e qualidade.

A produção de leite neste país não é só uma atividade dentro do escopo do agronegócio. Ao contrário, ela representa algo mais para a nação brasileira, pois que esta matéria-prima, ao desdobrar se no tempo, estava envolvida em vários contextos como da economia, política e da civilização.

Na aplicação da pesquisa de campo, algumas das informações coletadas já tinham uma premissa de que essas informações seriam só para confirmar deduções do pesquisador, tal como a de que a quantidade e a qualidade são fatores cruciais para o estabelecimento do preço. O laticínio fornece poucos recursos de incentivos para o pequeno produtor, sendo que a maioria dos fornecedores do Queijo Imperial é composta por eles.

No decorrer desse depoimento do pequeno produtor revelou-se algo que o pesquisador já tinha iminência da sua resposta. Tendo sido questionado se sua pessoa tinha investido no gado leiteiro e se teve êxito no investimento, o produtor afirmou que investiu sem retorno

positivo. Todavia, ele afirmou também que não teve um planejamento e isso pode ter sido um dos fatores que influenciou seu prejuízo em tal atividade em grande escala.

Diante desse problema que afeta o pequeno produtor, uma das maneiras de minimizá-lo é a ampliação da sua rede de produtos agropecuários por meio da agricultura, realizando cultivo de frutas, legumes e hortaliças, entre outras. O pequeno produtor precisa ter o entendimento de que sua propriedade não é só um pedaço de terra, mas é um micro empreendimento rural e que, ao gerir esse negócio, necessita ter a visão de não depender de uma ou duas mercadorias, mas de ter a compreensão de que é possível gerar receita na sua instituição rural.

O grande e o pequeno produtor encontram-se na mesma dificuldade de imposição de preço no mercado do setor secundário, e entre os intermediários. Todavia, essa situação pode ser solucionada se o Governo prover projetos para incentivar a classe de produtores, fornecendo-lhes financiamentos, tendo um planejamento para esse grupo de pecuarista de menor e maior porte, consistindo em uma maneira de associação do Estado com SENAR, com o objetivo de orientar sobre como lidar com grande escala de produção, oferecendo acompanhado constantemente por um profissional. Além disso, para que o pequeno agricultor não seja prejudicado no tratamento desses bovinos, por não prover de maquinário e recorrer a terceiros, pode-se formular associação entre os mesmos para aquisição de maquinário nas suas propriedades rurais, com elevação desse produto. Com esta proposta de associação, o objetivo é a comercialização do leite para o exterior, ampliando seu nicho de negócios, possibilitando para o país uma rotatividade constante em dólar ou em euro.

A realização desse artigo evidenciou a situação real do grande e pequeno produtor, apontando para a necessidade do enfrentamento por parte de cada um mediante o mercado manufaturado de lácteos. Além disto, destacou a dificuldade de comercialização desta classe de pecuaristas leiteiros no Brasil, mas. Contudo, este trabalho ocupou-se em expor que daqui a alguns anos vão ter poucos proprietários rurais lidando com a produção de leite nesse país, devido à forma que esse negócio é dirigido atualmente. Poder-se-ia dizer que a produção leiteira do pequeno produtor não é um negócio promissor, no Brasil, dadas as dificuldades que enfrenta, haja vista que estão perdendo seu espaço dentro do agronegócio e, ao mesmo tempo, deixando outras atividades entrarem nesta área, sendo, portanto, um ramo de trabalho de pouca influência para o futuro.

Contudo que foi abordado em relacionada à cadeia de produtiva do leite, tem-se que uma atividade que necessita de maiores incentivos do Governo, que no exercício de suas funções alocativas e distributivas, atue por meio de linhas de crédito, além disto, necessita

também de mais entusiasmo por parte dos pecuaristas de pequeno porte, tendo em mente que o setor primário é muito importante no Brasil e a manutenção dos pequenos produtores no campo se torna uma solução social para evitar o êxodo rural.

## REFERÊNCIAS

ASSIS, Airdem Gonçalves *et al.* Sistema de produção de leite no Brasil. Juiz de Fora-Minas Gerais, 2005. Disponível em: Google Acadêmico.

BORGES, Márcio Silva; GUEDES, Cesar Augusto; ASSIS, Renato Linhares. UM ESTUDO DO "PROJETO BALDE CHEIO" Como vetor de desenvolvimento sustentável do pequeno produtor de Leite. [S. l.], 2011. Disponível em: Google Acadêmico.

CAMPOS, KILMER COELHO; PIACENTI, CARLOS ALBERTO. AGRONEGÓCIO DO LEITE: Cenário atual e perspectivas. [S. l.], 2007. Disponível em: Google Acadêmico.

CARLOTTO, I.C; FILIPPI, J.A; MARCELLO, I.E. Estudo da viabilidade da produção de Leite em uma propriedade familiar rural do município de Francisco Beltrão – PR. [S. l.], 2011. Disponível em: Google Acadêmico.

GIL, Antônio Carlos. **Estudo de Caso**. São Paulo: Atlas S.A, 2009. Disponível em: Minha Biblioteca.

GOMES, Teixeira. Evolução recente e perspectiva da produção de leite no Brasil. [S. l.], 30 jul. 2001. Disponível em: Google Acadêmico.

LIMA, J.F; PEREIRA, A.P. A cadeia agroindustrial do leite e seus derivados. [S. l.], 1995. Disponível em: Google Acadêmico.

MAIA, Guilherme Baptista *et al.* Produção leiteira no Brasil. [S. l.], 2010. Disponível em: Google Acadêmico.

MINISTÉRIO DA ECONOMIA (Brasil). Diretoria de Pesquisas. Indicadores do IBGE: Estatística da Produção Pecuária. Aquisição de Leite: Evolução da quantidade de leite cru adquirido pelos laticínios, por trimestre, [S. l.], ano 2018, v. 1, n. 83, ed. 111, p. 54-56, 2018. DOI <https://biblioteca.ibge.gov.br/sobre-a-biblioteca.html>. Disponível em: Google.

SAUER, S.S. Agricultura familiar versus agronegócio: a dinâmica sociopolítica do campo brasileiro. Brasília-DF, 2008. Disponível em: Google Acadêmico.

SILVA, Jerri Augusto; TSUKAMOTO, Ruth Youko. A Modernização da Pecuária Leiteira e a Exclusão do Pequeno Produtor. [S. l.], 2001. Disponível em: Google Acadêmico.

TAKAHASHI, Adriana Roseli *et al.* **Pesquisa Qualitativa Em Administração Fundamentos e Métodos E Usos No Brasil**. São Paulo: ATLAS S.A, 2013. Disponível em: Minha Biblioteca.

VIELA, Duarte Viela; LEITE, José Bellini; RESENDE, João Cesar. POLÍTICAS PARA O LEITE NO BRASIL: passado, presente e futuro. [S. l.], 2015. Disponível em: Google Acadêmico.

ZOCAL, R.Z; SOUZA, A.D; GOMES, A.T. Produção de leite na agricultura familiar. Juiz de Fora-MG, 2005. Disponível em: Google Acadêmico.